

VOTO E GÊNERO NA ARGENTINA: UMA ANÁLISE A PARTIR DA GEOGRAFIA ELEITORAL

Christian Fernando Scaramella¹

Universidad Nacional del Litoral (UNL)
Santa fe, Argentina



Enviado em 30 out. 2024 | Aceito em 27 jan. 2025

Resumo: Entre 1999 e 2007, a análise da disparidade entre gêneros no comportamento eleitoral na Argentina revela dinâmicas complexas e regionalizadas. Embora, no nível nacional, as diferenças nos padrões de voto entre mulheres e homens não sejam quantitativamente significativas, padrões específicos emergem ligados a contextos geográficos particulares. As mulheres tendem a favorecer forças políticas moderadas com valores republicanos, como as representadas pela Aliança liderada por De la Rúa em 1999 e pelas candidaturas de Elisa Carrió em 2003 e 2007, com um viés feminino notável em regiões como a área pampeana e a Região Metropolitana de Buenos Aires. Esses achados destacam a ausência de um padrão uniforme na disparidade de gênero e confirmam a presença de heterogeneidade espacial em algumas candidaturas. Isso sugere que a disparidade entre gêneros no comportamento eleitoral responde a efeitos contextuais geográficos, parcialmente vinculados ao processo de territorialização política. A incorporação de ferramentas de análise espacial local permite capturar essas heterogeneidades e enfatiza a importância de considerar contextos subnacionais nos estudos sobre comportamento eleitoral.

Palavras-chave: Geografia Eleitoral; Disparidade de Gênero; Autocorrelação Espacial; Voto.

VOTO Y GÉNERO EN ARGENTINA: SU ANÁLISIS DESDE LA GEOGRAFÍA ELECTORAL

Resumen: Entre 1999 y 2007, el análisis de la brecha de género del voto en Argentina revela dinámicas complejas y regionalizadas. Si bien en el nivel nacional las diferencias de voto entre mujeres y hombres no son cuantitativamente significativas, emergen patrones específicos vinculados a contextos geográficos particulares. Las mujeres muestran una inclinación hacia fuerzas políticas moderadas con valores republicanos, como las representadas por la Alianza de De la Rúa en 1999 y las candidaturas de Elisa Carrió en 2003 y 2007, con un sesgo femenino notable en regiones como el área pampeana y la Región Metropolitana de Buenos Aires.

Estos hallazgos evidencian la inexistencia de un patrón uniforme de la brecha de género y confirman la presencia de heterogeneidad espacial en algunas candidaturas. Esto sugiere que la brecha de género del voto responde a efectos contextuales de tipo geográfico, en parte vinculados al proceso de territorialización política. La incorporación de herramientas de análisis espacial local permite captar estas heterogeneidades y destaca la importancia de considerar los contextos subnacionales en los estudios del comportamiento electoral.

Palabras clave: Geografía Electoral; Brecha de Género; Autocorrelación Espacial; Voto.

VOTING AND GENDER IN ARGENTINA: AN ANALYSIS FROM ELECTORAL GEOGRAPHY

Abstract: Between 1999 and 2007 in Argentina, specific patterns in the gender gap in electoral behavior were observed, that is, in voting differences by gender in the presidential category. Unlike some Anglo-Saxon countries, this gap is not globally significant in Argentina. However, regional patterns associated with specific geographic contexts emerge. Although there is no ideological polarization in voting patterns by gender, women tend to prefer moderate forces that promote republican values, especially in the more developed and populated areas of the country. Consequently, it can be stated that, although the gender gap in voting is not globally significant, it presents regionalized patterns. This suggests that the distribution of this gap is neither random nor uniform but shows patterns of local spatial autocorrelation, partly associated with the country's political territorialization process.

Keywords: Electoral Geography; Gender Gap; Spatial Autocorrelation; Voting.

Introdução

A disparidade entre gêneros no comportamento eleitoral² tem se consolidado como um dos campos de estudo relacionados aos padrões de voto. Por disparidade entre gêneros no comportamento eleitoral (BGCE, na sigla em espanhol), entende-se a existência de padrões diferenciados de voto entre os eleitorados feminino e masculino, ou seja, as diferenças absolutas ou relativas nos índices de participação eleitoral ou nas preferências de voto a favor ou contra algumas variantes eleitorais. Nesse sentido, já que as relações de gênero afetam outras esferas da vida social, como a organização do trabalho, a representação política e as relações no âmbito doméstico, entre outros aspectos, também influenciam nas preferências diferenciadas de voto (INGLEHART; NORRIS, 2000; SCARAMELLA, 2013a).

Baseando-se na teoria da modernização, sugere-se que, a partir da incorporação massiva das mulheres no mercado de trabalho e no sistema educacional no início da década de 1970, em condições desiguais em relação aos homens, ocorreu uma mudança nos padrões de voto: (i) passando de uma disparidade entre gêneros tradicional, em um contexto em que a mulher estava restrita ao âmbito doméstico e apresentava um voto mais conservador; (ii) para uma disparidade de gênero moderna, em que as eleitoras são mais favoráveis a uma agenda política de caráter progressista (ERICKSON; O'NEILL, 2002).

Essa problemática tem recebido maior atenção nos países anglo-saxões, especialmente nos Estados Unidos. Por outro lado, na América Latina em geral, e na Argentina em particular, esse processo tem sido pouco abordado no âmbito da pesquisa acadêmica, embora haja uma significativa produção que explora a disparidade de gênero na representação política (ARCHENTI; TULA, 2014, 2017; SCARAMELLA, 2013b).

No que diz respeito à BGCE, na maioria dos países onde essa linha de investigação foi desenvolvida, realizou-se um processo de teorização com base empírica sustentado em um problema metodológico, gerando certo viés nas teorias: suas conclusões são baseadas em inferências amostrais gerais, com dados de origem subjetiva, que não permitem identificar padrões diferenciais em menores níveis de agregação geográfica, especialmente em contextos marcados por alta heterogeneidade espacial (HELDEROP; GRUBESIC, 2022).

Contrariamente, na Argentina, desde a primeira eleição presidencial em que as mulheres puderam votar, em 1951, até as eleições legislativas de 2009, os eleitorados feminino e masculino votavam em padrões distintos, em mesas de votação separadas. Isso permitia comparar os índices das diversas variáveis eleitorais com base em dados populacionais (reais), em diferentes unidades de agregação geográfica: nacional, provincial ou local, entre outras. Portanto, as possibilidades de análise da BGCE não se baseiam em inferências amostrais, mas derivam de valores reais, de origem populacional, permitindo analisar o comportamento diferencial em função de diversos efeitos contextuais que operam em diferentes escalas geográficas (AGNEW, 1996; FOTHERINGHAM; LI, 2023).

Além disso, a competição partidária na Argentina está atravessada por uma clivagem de tipo regional vinculada ao processo de territorialização política, que contradiz os pressupostos da nacionalização política (CRUZ, 2019; VARETTO, 2017). Contrariamente à teoria padrão da nacionalização política, ao longo do tempo, na Argentina, consolidou-se uma clivagem territorializada nas preferências, caracterizada pelas seguintes dimensões: (i) uma área núcleo, principalmente em parte da região pampeana, com maior nível de riqueza e melhores condições socioeconômicas, onde,

² A disparidade entre gêneros no comportamento eleitoral será mencionada ao longo deste trabalho com a sigla BGCE.

por um lado, observa-se maior paridade competitiva entre o peronismo e forças opositoras a ele; e (ii) as áreas periféricas da Argentina, principalmente no norte do país, com menor nível socioeconômico, nas quais as facções territoriais do peronismo possuem posição hegemônica na competição eleitoral nacional (CALVO; ESCOLAR, 2005; ESCOLAR, 2014; SCARAMELLA, 2023).

Quanto aos objetivos deste trabalho, serão considerados os seguintes eixos analíticos para determinar a relevância da disparidade entre gêneros no comportamento eleitoral: (i) testar o alcance da BGCE no comportamento eleitoral; (ii) determinar se a BGCE apresenta um padrão espacialmente heterogêneo; e (iii) avaliar se a clivagem de gênero é atravessada pela estrutura regionalizada da competição político-eleitoral na Argentina.

Para realizar esta investigação, serão analisados os resultados eleitorais das diferentes forças políticas no país entre 1999 e 2007, desagregados por gênero, nas disputas presidenciais. Para tal, será formulado um modelo para testar a regionalização do voto por gênero e identificar cenários de territorialização política dessa disparidade de gênero por meio de índices de autocorrelação espacial local (OYANA, 2021; YAGAMATA; SEYA, 2021). Ademais, caso exista evidência de heterogeneidade espacial da BGCE, será avaliado seu impacto em relação aos votos totais do país.

Abordagens sobre a disparidade entre gêneros no comportamento eleitoral

Desde o início da década de 1980, uma série de estudos no campo das ciências sociais começou a se concentrar na disparidade entre gêneros no comportamento eleitoral (*gender gap*) nos países anglo-saxões, principalmente nos Estados Unidos.

As primeiras linhas de investigação surgiram no início da década de 1980, ao redor dos estudos da BGCE, em grande parte motivados por uma mudança no voto tradicional das mulheres nos países anglo-saxões (KELLEY; MCALLISTER, 1983), que começou a se deslocar de uma tendência mais conservadora, em comparação com as preferências masculinas, para uma inclinação mais progressista. Nesse contexto, começou-se a incorporar o conceito de “disparidade de gênero moderna”, diferenciando-o da “disparidade de gênero tradicional” (ERICKSON; O’NEILL, 2002). Vale ressaltar que essas abordagens e os desenvolvimentos subsequentes ocorreram sem vínculo algum com o campo de estudos da geografia eleitoral.

Alguns autores buscaram analisar a evidência empírica da disparidade de gênero sem explorar seus mecanismos causais (KELLEY; MCALLISTER, 1983). Outros discutiram se a disparidade resulta de uma mudança no comportamento eleitoral dos homens (de mais conservadores para mais à esquerda) ou das mulheres (KAUFFMANN; PETROCIK, 1999).

Entretanto, alguns pesquisadores investigaram os mecanismos causais desse comportamento diferencial baseando-se exclusivamente em microdados de estudos de opinião pública. Esses estudos focaram em certos temas – como corrida armamentista, aborto, meio ambiente e políticas sociais – cuja importância difere entre homens e mulheres (GILENS, 1988; SHAPIRO; MAHAJAN, 1986).

Alguns trabalhos estruturaram essa problemática em um esquema teórico explicativo (SAPIRO; CONOVER, 1997). Entre eles, alguns combinam uma série de fatores determinantes, baseados em diferentes teorias, como causas da disparidade (CARROLL, 1988; KLEIN, 1984). Por um lado, a teoria da vulnerabilidade enfatiza as desvantagens socioeconômicas das mulheres; por outro, a teoria da mobilização associa a mudança às conquistas em direitos civis e políticos (RUSCIANO, 1992).

Manza e Brooks (1988) identificaram quatro mecanismos causais para a BGCE: (i) diferenças de socialização entre homens e mulheres, que geram distintas orientações políticas (RUDDICK, 1989;

SAPIRO, 1983); (ii) o empoderamento das mulheres, alcançado pela transformação dos papéis na família (CARROLL, 1988); (iii) a incorporação massiva das mulheres ao mercado de trabalho (DEITCH, 1988); e (iv) o crescimento da adesão aos postulados feministas (CONOVER, 1988; COOK; WILCOX, 1991).

Por outra perspectiva, Chaney, Alvarez e Nagler (1998) destacaram a teoria sociopsicológica para explicar as diferenças de opinião política e de decisão eleitoral, criticando os enfoques derivados da teoria da escolha racional (*rational choice*). Além disso, enquadradas na teoria da modernização, algumas vertentes sublinham a inserção das mulheres no mercado de trabalho, a transformação de seus papéis na sociedade e na família. Outros autores também enfatizam a conquista de direitos civis, como o aborto, que geraram mudanças culturais impactando nos realinhamentos da opinião política e das preferências partidárias (INGLEHART; NORRIS, 2000, 2003). Essa perspectiva também é compartilhada por Rusciano (1992), que analisou mudanças geracionais da disparidade entre gêneros no comportamento eleitoral no caso alemão.

O enfoque anglo-saxão apresenta várias limitações para se estudar a BGCE no contexto da Argentina. Em primeiro lugar, o sistema de partidos políticos e o próprio eleitorado argentino não são atravessados pela clivagem ideológica esquerda/direita, e os níveis de identificação partidária são muito mais voláteis (CAVARROZZI; CASULLO, 2002). Em segundo lugar, a maior parte da sociedade e das elites políticas considera necessária a implementação de políticas ativas por parte do Estado (LODOLA; SELIGSON, 2013). Por fim, o sistema político-partidário é marcado por uma estrutura regional do voto, associada ao processo de territorialização política (CALVO; ESCOLAR, 2005; ESCOLAR, 2014). Essas características estão fora do escopo interpretativo dos autores anglo-saxões.

Estudos empíricos revelaram a estrutura regional da BGCE na arena política nacional da Argentina entre 1999 e 2007 (SCARAMELLA, 2013a, 2013b). No entanto, a teorização dos países anglo-saxões, metodologicamente enviesada, não consegue explicá-la, pois se limita a um conjunto de derivações teóricas baseadas na análise de resultados amostrais. Em contrapartida, a análise do resultado dentro o universo de eleitores na Argentina permite capturar essa estrutura espacial (GAO, 2022; OYANA, 2021).

As limitações dos estudos sobre voto e gênero no contexto latino-americano

Fora do âmbito anglo-saxão, e particularmente na América Latina, os estudos com enfoque na disparidade entre gêneros no comportamento eleitoral (BGCE) ainda não conseguiram se consolidar como uma prioridade na agenda de pesquisa acadêmica. Isso é evidente tanto nas principais referências sobre comportamento eleitoral na ciência política quanto nas abordagens relacionadas à sociologia eleitoral. Mesmo nos poucos estudos existentes sobre geografia eleitoral, a BGCE continua sendo um tema subestimado, embora se reconheça, ainda que superficialmente, a relevância que essa disparidade poderia ter (BROWN; KNOPP; MORRILL, 2005; BROWN; KNOPP; MORRILL, 2005).

A atenção limitada dada a essa questão contrasta com o interesse crescente demonstrado nas ciências sociais de modo geral na América Latina e, em particular, na ciência política, em relação à disparidade entre gêneros na representação política (ARCHENTI, TULA, 2014, 2017; FREIDENBERG et al., 2022). Nesse sentido, há uma vasta produção acadêmica sobre a disparidade entre gêneros focada: (i) no acesso diferencial, por gênero, aos cargos político-institucionais de representação política; (ii) no controle dos poderes executivos nacionais ou subnacionais; (iii) nos tipos de comissões parlamentares ou pastas ministeriais ocupadas por mulheres; e (iv) no acesso a cargos no Judiciário, entre outras dimensões (SCHWINDT-BAYER, 2018).

A irrelevância do lugar na abordagem da BGCE

A omissão da dimensão geográfica na análise da BGCE no contexto anglo-saxão também se manifesta como um obstáculo que limita o alcance dos estudos sobre a disparidade entre gêneros nas preferências eleitorais. Nesse sentido, a investigação enfrenta um duplo déficit: (i) de caráter teórico, refletido na ausência de quadros conceituais que incorporem a análise de gênero para explicar padrões espaciais de voto, especialmente em contextos de territorialização política; (ii) e, por outro lado, um déficit empírico, evidenciado pela escassez de estudos que utilizem dados quantitativos e qualitativos para explorar essas dinâmicas atravessadas por uma dimensão geográfica em cenários de alta heterogeneidade espacial (FOTHERINGHAM; LI, 2023; SNYDER, 2001).

Esse déficit na pesquisa acadêmica dificulta a identificação de padrões que poderiam ser fundamentais para compreender como as preferências eleitorais podem variar em função dos contextos geográficos (AGNEW, 1987). Ou seja, essa lacuna pode negligenciar variações locais, regionais ou territoriais significativas na disparidade de gênero, que podem revelar padrões regionalizados de voto distintos do comportamento nacional, aspecto que será abordado neste trabalho.

A contextualidade geográfica da disparidade de gênero no voto

A maioria dos estudos tradicionais privilegiou uma visão atomizada do eleitor, focada em contextos abstratos, sem considerar os contextos geográficos concretos onde os eleitores vivem, interagem e participam da esfera pública (ABREU DE AZEVEDO, 2023). Esses lugares não são meros cenários sobre os quais a vida social ocorre; são contextos ativos que estruturam as percepções e decisões dos eleitores (AGNEW, 1987).

Nesse sentido, o contexto geográfico se torna um fator estruturante na formação das preferências eleitorais, já que as experiências vividas e as interações sociais que ocorrem em diferentes lugares influenciam diretamente como os eleitores, de acordo com seu gênero, pensam, percebem e tomam decisões políticas (CHILDS, COWLEY, 2011; ESCOLAR, 2014). A dimensão contextual geográfica opera em diversas escalas, sejam elas locais, regionais ou provinciais. Contudo, é importante destacar que, se algum processo está contextualizado, isso implica que seu comportamento é diferente, disruptivo ou contraditório em relação aos padrões que respondem a qualquer tipo de generalização (AGNEW, 1996).

O eleitorado feminino e masculino experimentam e respondem ao contexto geográfico de maneira distinta por diversas razões, incluindo diferenças na participação na vida pública, acesso a recursos materiais e simbólicos, âmbitos de socialização e papéis sociais atribuídos. Portanto, a análise da BGCE deve integrar a contextualidade geográfica para capturar como essas dinâmicas variam em diferentes lugares e territórios e como estes, por sua vez, influenciam nas decisões eleitorais de gênero (FOTHERINGHAM, LI, 2023; KWAN, 2012).

Além disso, o contexto geográfico revela o modo como as estratégias partidárias, as políticas públicas locais e as estruturas de poder local interagem com as identidades de gênero para produzir resultados eleitorais diferenciados segundo o gênero. Assim, é essencial compreender as variações locais na disparidade de gênero e identificar padrões que, de outro modo, poderiam permanecer subsumidos em generalizações descontextualizadas (AZEVEDO, 2023; SCARAMELLA, 2023).

Portanto, para abordar as características assumidas pelos diferentes tipos de contextos geográficos em que a BGCE pode se manifestar, a seguir, explicita-se a estratégia metodológica utilizada para abordar essa dimensão analítica (ETHINGTON, MCDANIEL, 2007).

Considerações metodológicas

Com o objetivo de compreender a incidência da BGCE na Argentina e sua contextualidade geográfica, o método comparativo subnacional se constitui como uma ferramenta ideal para esse tipo de abordagem (SNYDER, 2001). Esse método representa uma estratégia analítica que permite examinar as múltiplas dinâmicas políticas que operam no nível local ou subnacional, sendo valioso para evitar que, em caso de alta heterogeneidade espacial das variáveis eleitorais, as generalizações no nível nacional desconsiderem os padrões presentes no nível subnacional (GAO, 2022).

O método comparativo subnacional não apenas possibilita aumentar a quantidade de observações, mas também uma melhor compreensão da relação entre as dinâmicas nacionais e locais da BGCE. Além disso, contribui para identificar mecanismos causais mais específicos e detalhados, oferecendo insights relevantes para o desenvolvimento de teorias gerais (GIRAUDY, MONCADA, SNYDER, 2019).

A aplicação dessa estratégia metodológica permitirá determinar a existência de padrões singulares da BGCE no nível subnacional (OYANA, 2021). Dessa forma, será possível avaliar se a heterogeneidade espacial é constitutiva do padrão de voto de acordo com o gênero (HELDEROP, GRUBESIC, 2022).

Nesse sentido, será analisado o desempenho eleitoral das forças políticas nas eleições presidenciais de 1999, 2003 e 2007, desagregado por gênero, avaliando o desempenho de cada uma das candidaturas entre os eleitorados feminino e masculino. A escolha dessas três eleições justifica-se por: (i) dispor de dados completos e normalizados; (ii) serem as três últimas eleições presidenciais em que existia um cadastro eleitoral diferenciado por gênero.

Com o intuito de delinear as características apresentadas pela BGCE em relação às opções da oferta eleitoral na Argentina, construiremos um conjunto de variáveis eleitorais relacionadas à diferença entre os votos femininos e masculinos, em valores absolutos e relativos, para as chapas presidenciais dos anos mencionados anteriormente (Figuras 1A e 1B).

Figura 1 - BGCE, em valores absolutos (A) e valores relativos (B)

A) $BG_i = V_{f,i} - V_{m,i}$	B) $BG_i^R = \left(\frac{V_{f,i}}{T_f} \right) - \left(\frac{V_{m,i}}{T_m} \right)$
--------------------------------------	--

Fonte: Elaboração própria.

Onde as variáveis dependentes são:

- BG_i : Disparidade entre gêneros no comportamento eleitoral, em valores absolutos, para a força política i .
- BG_i^R : Disparidade entre gêneros no comportamento eleitoral, em valores relativos, para a força política i .

E as variáveis independentes são:

- $V_{f,i}$: Total de votos do eleitorado feminino para a força política i , em valores absolutos.
- $V_{m,i}$: Total de votos do eleitorado masculino para a força política i , em valores absolutos.
- T_f : Total de votos emitidos pelo eleitorado feminino para o conjunto de forças políticas.
- T_m : Total de votos emitidos pelo eleitorado masculino para o conjunto de forças políticas.

A disparidade de gênero no voto, em valores absolutos, interpreta-se da seguinte forma:

- $BGi > 0$: A força política *i* tem maior apoio entre mulheres, em valores absolutos.
 - $BGi < 0$: A força política *i* tem maior apoio entre homens, em valores absolutos.
 - $BGi = 0$: Existe paridade no apoio entre mulheres e homens, em valores absolutos.
- Já a disparidade de gênero no voto, em valores relativos, é interpretada assim:
- $BGiR > 0$: Proporcionalmente, ou em razões, a força política *i* tem maior apoio entre mulheres.
 - $BGiR < 0$: Proporcionalmente, ou em razões, a força política *i* tem maior apoio entre homens.
 - $BGiR = 0$: Proporcionalmente, ou em razões, há paridade no apoio entre mulheres e homens para a força política *i*.

Os valores relativos dos votos serão calculados em relação ao total de votos positivos por gênero, ou seja, a soma dos votos de todas as forças políticas. Ao subtrair os números de votos femininos e masculinos, nessa ordem, os valores positivos implicarão em um viés feminino no voto por alguma força política na unidade de agregação geográfica em análise, enquanto valores negativos implicarão em um viés masculino. Caso o valor seja igual ou próximo de zero, isso indicará que não há uma diferença significativa.

Além disso, as unidades de observação, nas quais serão medidas as variações geográficas do voto por gênero, serão a divisão departamental do país e as circunscrições eleitorais da Cidade Autônoma de Buenos Aires (CABA)³.

A seguir, serão detalhadas as variáveis eleitorais a serem consideradas (Quadro 1):

Quadro 1 - Variáveis eleitorais nas eleições presidenciais argentinas em 1999, 2003 e 2007

<i>Año</i>	<i>Fuerza Política</i>	<i>Sigla</i>	<i>Fórmula</i>
1999	La Alianza para el Trabajo, la Justicia y la Educación	Alianza	Fernando De la Rúa - Carlos Álvarez
	Concertación Justicialista para el Cambio	PJ	Eduardo Duhalde - Ramón Ortega
	Acción por la República	APR	Domingo Cavallo - Armando Caro Figueroa
	Sumatoria de fuerzas de centroizquierda e izquierda	CI-I	
	Sumatoria de fuerzas de centroderecha y derecha	CD-D	
2003	Frente para la Lealtad	PJM	Carlos Menem - Juan Carlos Romero
	Frente para la Victoria	PJK	Néstor Kirchner - Daniel Scioli
	Frente Movimiento Popular	PJS	Adolfo Rodríguez Saá - Melchor Romero
	Movimiento Federal RECREAR	LMU	Ricardo López Murphy - Ricardo Gómez Díez
	Afirmación para una República Igualitaria	ARI	Elisa Carrió - Gustavo Gutiérrez
	Unión Cívica Radical	UCR	Leopoldo Moreau - Mario Losada
	Sumatoria de fuerzas de centroizquierda e izquierda	CI-I	
	Sumatoria de fuerzas de centroderecha y derecha	CD-D	
2007	Frente para la Victoria	FPV	Cristina Fernández de Kirchner - Julio Cobos
	Coalición Cívica	CC	Elisa Carrió - Rubén Giustiniani
	Concertación para Una Nación Avanzada	UNA	Roberto Lavagna - Gerardo Morales
	Frente Justicia, Unión y Libertad	FJUL	Alberto Rodríguez Saá - Hector Maya
	Sumatoria de fuerzas de centroizquierda e izquierda	CI-I	
Sumatoria de fuerzas de centroderecha y derecha	CD-D		

Fonte: Elaboração própria com dados do Ministério do Interior.

No quadro anterior estão detalhadas as fórmulas eleitorais, considerando o nome da força política, a sigla adotada neste trabalho e a chapa da candidatura à presidência. No entanto, algumas candidaturas, que variam entre centro-esquerda ou centro-direita até as posições extremas do *continuum* ideológico, precisaram ser agrupadas nas variáveis CI-I e CD-D devido ao baixo nível de apoio obtido, tornando a análise desagregada irrelevante.

³ Estas últimas estiveram em vigor até a metade da primeira década do século XXI.

Em 1999, as variáveis eleitorais CI-I e CD-D, correspondentes às forças políticas com menor apoio eleitoral, incluem:

- CI-I: partidos de centro-esquerda e esquerda, que agregam Izquierda Unida, Partido Humanista, Partido Obrero, Alianza Frente de la Resistencia, Partido de los Trabajadores por el Socialismo e Partido Socialista Auténtico.
- CD-D: os partidos que oscilam entre a centro-direita e direita, incluindo exclusivamente a Alianza Social Cristiana.

Em 2003, as variáveis CI-I e CD-D compreendem:

- CI-I: Izquierda Unida, Partido Humanista, Partido Obrero, Partido Socialista e Partido Socialista Auténtico.
- CD-D: Unidos o Dominados, Confederación Para Que Se Vayan Todos, Tiempos de Cambio, Movimiento de Integración y Desarrollo, Partido Demócrata Cristiano, Partido Popular de la Reconstrucción e Movimiento por la Dignidad y la Independencia.

Por fim, nas eleições presidenciais de 2007, as variáveis CI-I e CD-D foram constituídas por:

- CI-I: Movimiento Socialista de los Trabajadores por Una Nueva Izquierda, Alianza Frente Amplio hacia la Unidad Latinoamericana, Frente de Izquierda y los Trabajadores por el Socialismo, Partido Obrero, Movimiento Independiente de Jubilados y Desocupados e Partido Socialista Auténtico.
- CD-D: Confederación Lealtad Popular, Recrear para el Crecimiento, Movimiento de las Provincias Unidas e Partido Popular de la Reconstrucción.

Paralelamente, será avaliado se a variação espacial da BGCE apresenta um comportamento uniforme, equivalente ao padrão nacional; se demonstra variabilidade em nível subnacional, mas de tipo estocástico; ou se é variável em nível subnacional, mas espacialmente heterogênea, ou seja, regionalmente clusterizada. Para isso, será utilizado o índice de autocorrelação espacial local (GAO, 2022; OYANA, 2021).

Para o cálculo, será estimado o I de Moran local da disparidade de gênero para cada uma das variáveis eleitorais dos anos de 1999, 2003 e 2007, considerando os valores relativos de voto nas unidades de observação definidas (Figuras 2 e 3). O modelo especificado será definido com base no critério de contiguidade, do tipo *Queen*, de ordem um⁴.

Figura 2 - Índice de Autocorrelação espacial local

$$LISA_i = z_i \sum_{j=1}^n w_{ij} z_j$$

Fonte: Oyana (2021).

Onde:

- Zi: Valor padronizado da variável de BGCE na localização i.
- Wij: Elemento da matriz de pesos espaciais que representa a relação entre as localizações i e j.
- Zj: Valor padronizado da variável de BGCE na localização j.

⁴ Ou seja, serão consideradas as unidades geográficas imediatamente contíguas a cada observação para realizar as estimativas.

Figura 3 - Clusters de autocorrelação espacial local da BGCE⁵

$$Cluster_i = \begin{cases} \text{Alto-Alto (sesgo femenino)} & \text{si } z_i > 0 \text{ y } \sum_j w_{ij} z_j > 0 \\ \text{Bajo-Bajo (sesgo masculino)} & \text{si } z_i < 0 \text{ y } \sum_j w_{ij} z_j < 0 \end{cases}$$

Fonte: Elaboração própria com base em Oyana (2021).

O uso deste tipo de ferramenta é ideal para identificar padrões regionalizados de variáveis quantitativas cuja distribuição espacial difere significativamente de um comportamento estocástico. Isso significa que a distribuição geográfica mencionada é de tipo não estacionária, heterogênea espacialmente ou, em outras palavras, os valores assumidos pela variável nos departamentos tendem a se agrupar ou apresentar um padrão regionalizado. Caso padrões desse tipo sejam identificados, será possível evidenciar a existência de padrões contextualizados geograficamente da BGCE. Quando o comportamento espacial da variável não for significativo, ou seja, com um nível de confiança inferior a 95%, isso implicará que a variável é espacialmente estacionária e que não há regionalização da BGCE.

Incidência geral da disparidade entre gêneros no comportamento eleitoral

Uma característica marcante do desempenho eleitoral das diferentes forças políticas na eleição presidencial de 1999 foi que todas tiveram um viés mais masculino em seus votos, exceto a Aliança liderada por De la Rúa, que teve um viés moderadamente feminino (Quadro 2). A Aliança registrou uma porcentagem diferencial maior no eleitorado feminino em relação ao masculino. Obteve quase 50% dos votos femininos, enquanto no voto masculino alcançou pouco mais de 47%, com um viés mais feminino de 2,29%.

O peronismo, liderado por Eduardo Duhalde, ficou em segundo lugar nessas eleições, com o apoio de 37,85% do eleitorado feminino e 39,20% do masculino, apresentando um viés moderado tendencialmente masculino (-1,35%).

Quadro 2 - Disparidade de gênero na eleição presidencial de 1999.

Fórmulas	Votos (F)	% (F)	Votos (M)	% (M)	Diferencia % (F-M)
DE LA RÚA - ÁLVAREZ	4.818.305	49,55	4.260.423	47,25	2,29
DUHALDE - ORTEGA	3.680.705	37,85	3.534.528	39,20	-1,35
CAVALLO - CARO FIGUEROA	934.092	9,61	882.624	9,79	-0,18
CI - I	261.353	2,69	305.513	3,37	-0,68
CD - D	30.397	0,31	34.817	0,39	-0,07

Fonte: Elaboração própria com dados do Ministério do Interior.

No caso das demais forças eleitorais, que apresentaram níveis de apoio menos expressivos, também se observa um maior peso no eleitorado masculino, especialmente no grupo de expressões de centro-esquerda e esquerda. No entanto, a BGCE para a chapa liderada por Cavallo e para as expressões de centro-direita e direita é praticamente insignificante (-0,18% e -0,07%, respectivamente).

⁵ O *cluster* Alto-Alto é representado na cor vermelha e o Baixo-Baixo na cor azul. Os outros tipos de comportamento serão representados na cor branca, predominando o padrão de tipo estocástico.

Quanto à eleição presidencial de 2003, há certo padrão que volta a se repetir. Uma força política concentra o maior viés feminino do voto, embora de forma mais acentuada em comparação com a Aliança de 1999: a chapa liderada por Elisa Carrió apresenta um diferencial relativo de 4,98%. Por outro lado, o viés tendencialmente mais masculino do voto é dividido entre as demais opções eleitorais (Quadro 3).

O peronismo se apresentou nessa eleição de forma fragmentada em três coalizões eleitorais distintas, com candidatos diferentes. Em todos os casos, foi observado um viés masculino moderado, destacando-se a chapa liderada por Carlos Menem (-1,97%), seguida pela liderada por Néstor Kirchner (-0,74%) e por Adolfo Rodríguez Saá (-0,64%).

A principal força de tendência liberal-conservadora, liderada por López Murphy e de origem radical, apresentou um viés masculino moderado (-0,64%), enquanto o radicalismo liderado por Moreau teve um viés masculino menos acentuado (-0,16%). Por outro lado, apesar dos baixos níveis de apoio, o grupo de forças de centro-esquerda e esquerda exibiu um viés masculino relativo maior que o grupo de forças de direita (-0,58% e -0,23%, respectivamente).

Quadro 3 - Disparidade de gênero na eleição presidencial de 2003

Fórmulas	Votos (F)	% (F)	Votos (M)	% (M)	Diferencia % (F-M)
MENEM - ROMERO	2.339.708	23,41	2.345.819	25,38	-1,97
KIRCHNER -SCIOLI	2.162.346	21,63	2.068.180	22,37	-0,74
LÓPEZ MURPHY - GÓMEZ DIEZ	1.602.727	16,03	1.542.485	16,69	-0,65
CARRIÓ - GUTIERREZ	1.653.584	16,54	1.069.361	11,57	4,98
RODRÍGUEZ SAÁ - POSSE	1.380.637	13,81	1.336.147	14,45	-0,64
MOREAU - LOSADA	225.439	2,26	223.446	2,42	-0,16
CI - I	417.058	4,17	439.414	4,75	-0,58
CD - D	214.164	2,14	219.510	2,37	-0,23

Fonte: Elaboração própria com dados do Ministério do Interior.

Na eleição presidencial de 2007, todas as chapas tiveram um viés mais masculino do que feminino, com exceção da chapa liderada por Elisa Carrió, da Coalizão Cívica (Quadro 4). A candidatura de Cristina Fernández de Kirchner alcançou pouco mais de 44% dos votos femininos válidos, enquanto entre os eleitores masculinos sua performance foi de 45,83%, o que representa um viés tendencialmente masculino (-1,76%).

Quanto a Carrió, obteve mais de 25% dos votos entre as mulheres, alcançando 20% entre os homens, sendo a única candidatura presidencial com um viés feminino em seu voto (4,92%). O viés feminino dessa candidata reflete números semelhantes à disparidade de gênero observada na eleição de 2003.

Em relação à chapa liderada por Roberto Lavagna, esta superou 16% entre as mulheres, melhorando seu desempenho entre os eleitores masculinos ao atingir quase 17,50%, conferindo-lhe um perfil mais masculino no voto (-1,16%). Por outro lado, na chapa integrada por Alberto Rodríguez Saá, as diferenças foram as menos significativas entre as chapas mais votadas, apresentando um viés masculino moderado (-0,31%).

Quadro 4 - Disparidade de gênero na eleição presidencial de 2007

Fórmulas	Votos (F)	% (F)	Votos (M)	% (M)	Diferencia % (F-M)
FERNANDEZ DE KIRCHNER - COBOS	4.313.911	44,08	4.087.711	45,83	-1,76
CARRIO - GIUSTINIANI	2.470.782	25,25	1.812.814	20,33	4,92
LAVAGNA - MORALES	1.595.444	16,30	1.557.512	17,46	-1,16
RODRIGUEZ SAA - MAYA	738.775	7,55	700.746	7,86	-0,31
CI - I	380.364	3,89	424.822	4,76	-0,88
CD - D	287.662	2,94	334.864	3,75	-0,82

Fonte: Elaboração própria com dados do Ministério do Interior.

Em relação às chapas presidenciais de tendência centro-direita e direita, bem como àquelas de centro-esquerda e esquerda, todas apresentam um viés marcadamente masculino, sem diferenças significativas entre esses dois polos do espectro ideológico, embora com um leve viés mais masculino no caso da esquerda (-0,82% para o eleitorado tendencialmente de direita e -0,88% para o de esquerda).

A título de análise parcial, com base nos resultados analisados, as candidaturas que concentraram grande parte do viés feminino do voto foram a Aliança em 1999, liderada por Fernando De la Rúa, e, principalmente, Elisa Carrió em 2003 e 2007. Nesses casos, a BGCE não seria explicada por um claro perfil ideológico progressista-conservador dos eleitores, mas sim por outros interesses, provavelmente mais relacionados a valores como republicanismo ou institucionalismo, entre outros.

Além disso, em todas as eleições, as diferentes candidaturas receberam maior número absoluto de votos femininos em comparação aos masculinos, com exceção das chapas CI-I, CD-D e da candidatura de Menem, que obtiveram uma quantidade absoluta de votos maior no eleitorado masculino em relação ao feminino.

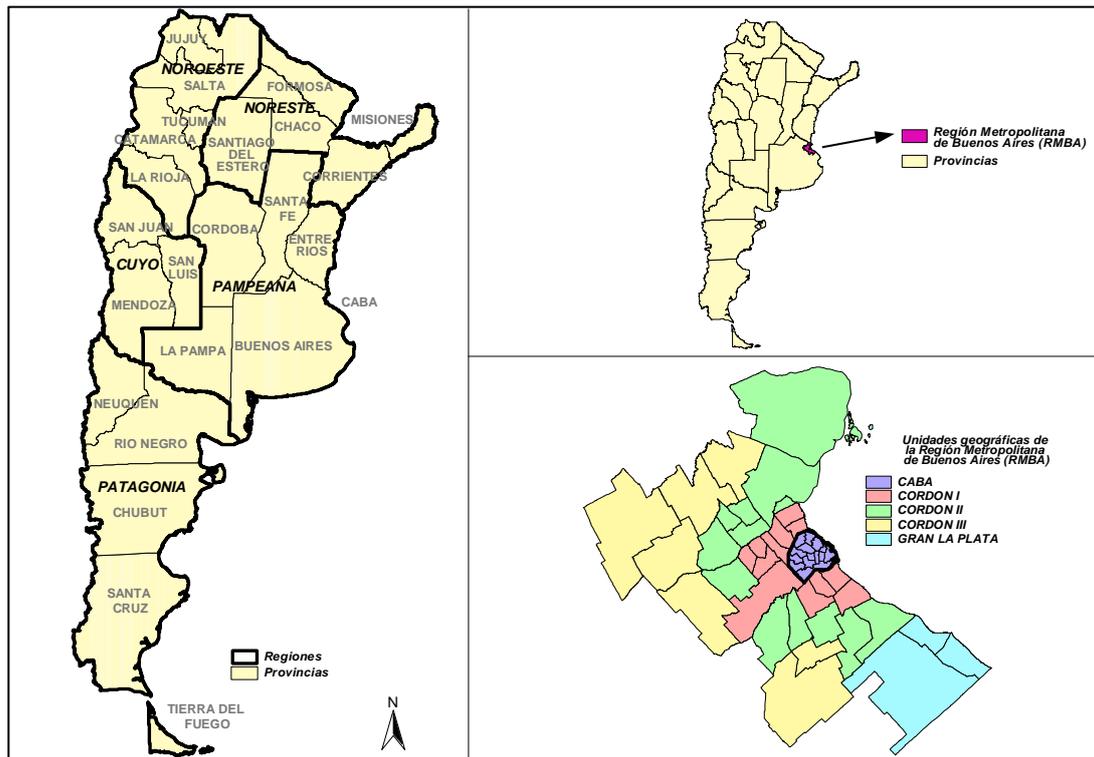
De acordo com esses resultados, que contrastam com os estudos da disparidade de gênero nos países anglo-saxões, na Argentina apenas uma força apresenta um viés claramente feminino, enquanto o viés masculino não se concentra em nenhuma força específica, mas se distribui entre as demais candidaturas. Assim, o acréscimo de votos obtido pela Aliança entre as mulheres não ocorre em detrimento de nenhuma outra chapa presidencial em particular.

Implantação geográfica subnacional da brecha de gênero do voto

Para avaliar a incidência da BGCE nas divisões departamentais da Argentina, a Figura 4 apresenta as unidades geográficas e territoriais que serão mencionadas para analisar os padrões de voto nos anos de 1999, 2003 e 2007.

Em 1999, nas províncias da região Pampeana, da Patagônia e na maior parte da Região Metropolitana de Buenos Aires, a Aliança apresenta um viés feminino no voto, com valores que variam entre 2% e 5% (Figura 5). Pelo peso demográfico, destaca-se o caso da Cidade Autônoma de Buenos Aires (CABA), onde a disparidade varia entre 5% e 10% (Figura 4). No norte do país, prevalece um viés masculino no voto.

Figura 4 - Unidades geográficas e territoriais de Argentina.

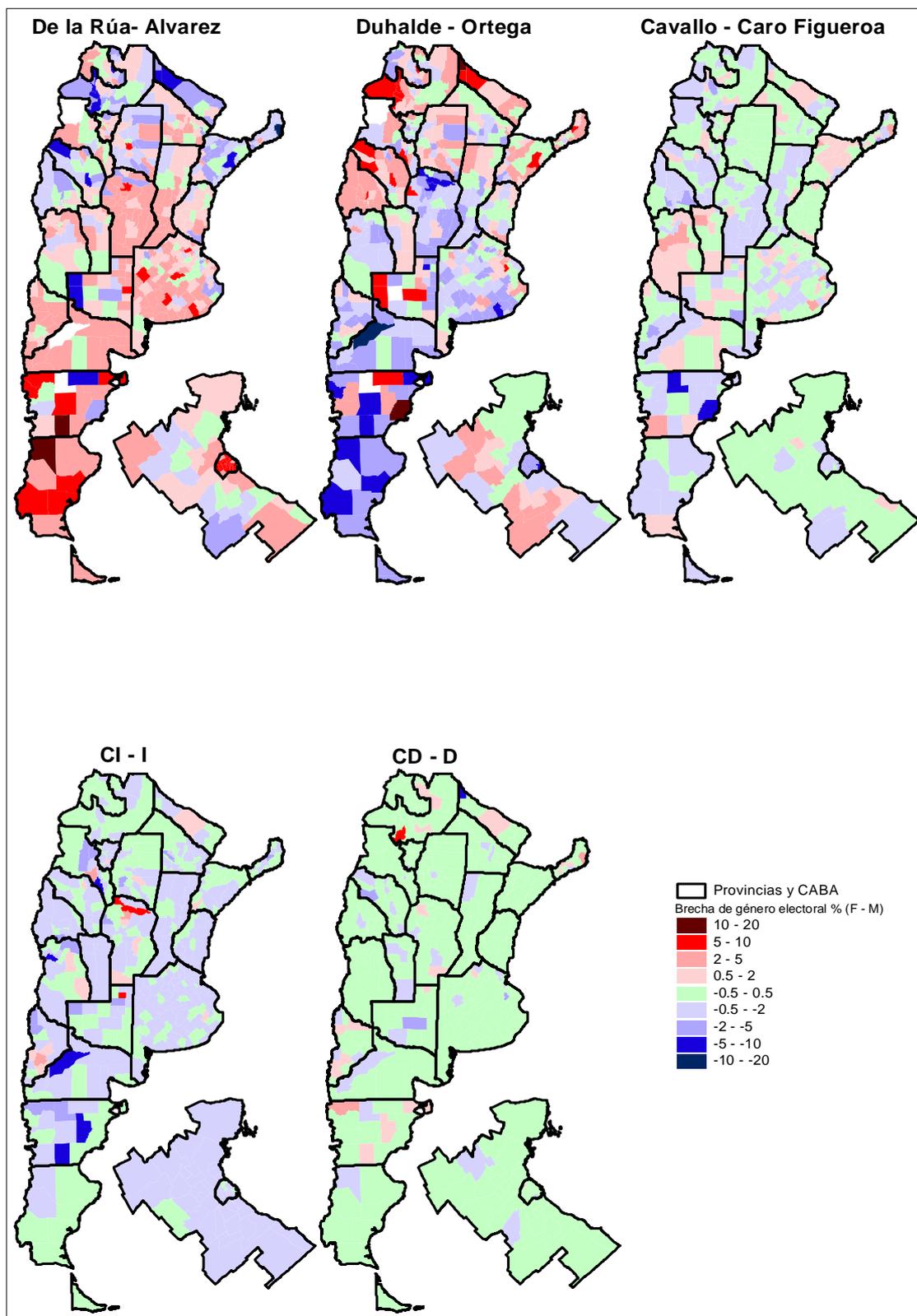


Fonte: Elaboração própria com base nos dados do Instituto Geográfico Nacional e do Instituto Nacional de Estadísticas y Censos.

Em relação à candidatura de Duhalde, no norte do país e nos departamentos do segundo cinturão da Região Metropolitana de Buenos Aires (RMBA), destaca-se o viés feminino, com valores que variam entre 2% e 5%. No restante do país, observa-se um padrão tendencialmente masculino. As demais candidaturas apresentam uma configuração pouco diferenciada, embora a CI-I exiba um viés masculino em quase todos os departamentos do país, chegando quase a (-2%).

Considerando as eleições de 2003, as candidaturas de origem peronista tendem a apresentar um comportamento mais masculino em seu voto, principalmente Menem, alcançando um diferencial de (-2%). Contudo, no caso de Menem, sua candidatura apresenta uma leve tendência feminina no noroeste do país, especialmente em províncias cujos governadores o apoiaram. Contrariamente, Kirchner apresenta um padrão mais feminino em seu voto no nordeste, no sul da Patagônia e nos departamentos do segundo cinturão da RMBA, coincidente com o apoio de líderes peronistas nesses territórios, alcançando disparidades de até 10% (Figura 6). Por sua vez, a candidatura de Rodríguez Saá apresenta um viés mais feminino em seu voto nas províncias de Cuyo e nos departamentos limítrofes de Córdoba, no centro do país, com valores que variam entre 2% e 5%, também coincidente com sua influência político-territorial subnacional.

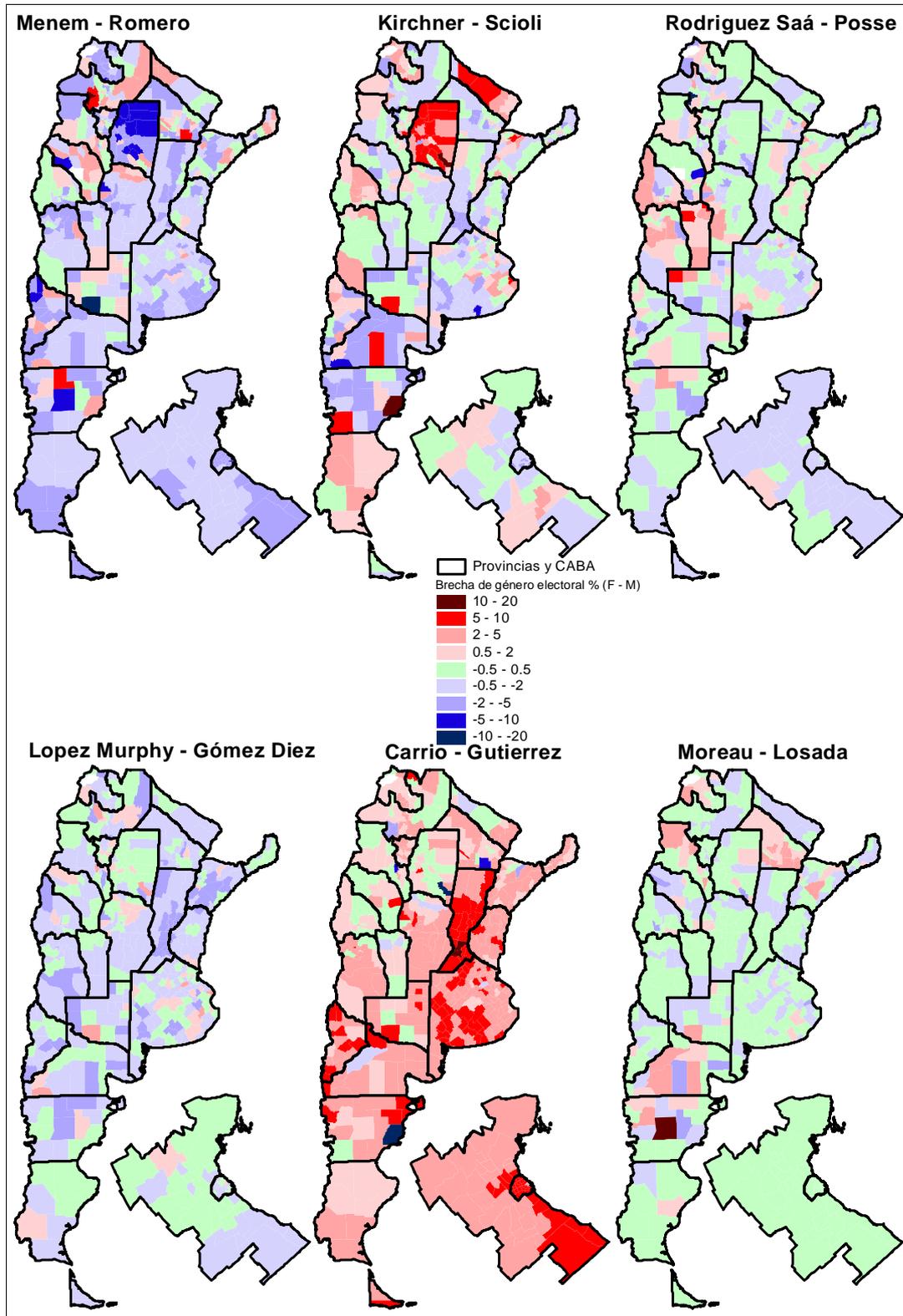
Figura 5 - Implantação geográfica da disparidade de gênero da eleição presidencial de 1999.



Fonte: Elaboração própria com base nos dados do Ministerio del Interior.

As candidaturas de origem não peronista, como as de López Murphy e Moreau, apresentam um comportamento heterogêneo em todo o país, com um viés masculino mais acentuado no caso do primeiro e uma disparidade menos distanciada no caso do segundo.

Figura 6 - Implantação geográfica da brecha de gênero da eleição presidencial de 2003



Fonte: Elaboração própria com base nos dados do Ministerio del Interior.

Contrariamente, Elisa Carrió apresenta um padrão claro de viés feminino em quase todo o país, destacando-se principalmente os departamentos da região pampeana, CABA e os departamentos do sul da RMBA, onde sua disparidade varia entre 5% e 10%.

Por fim, considerando as eleições de 2007, tanto a candidatura de Fernández de Kirchner quanto a de Lavagna apresentam um padrão geográfico de viés tendencialmente masculino na maior parte do país, com valores que chegam a (-5%). No entanto, a primeira candidata apresenta um leve viés feminino em seu voto no norte do país e no norte da Patagônia (Figura 7).

O comportamento subnacional das candidaturas de Rodríguez Saá, da CI-I e da CD-D apresenta uma disparidade majoritariamente insignificante ou com tendência a um viés masculino, que pode alcançar (-2%). Entretanto, Rodríguez Saá demonstra um viés feminino em sua área de influência político-territorial, com valores que oscilam entre 2% e 5%.

Por sua vez, a candidatura de Carrió apresenta um padrão similar ao de 2003, com uma disparidade de gênero de viés feminino que abrange quase todo o país. Esse viés é mais relevante na região pampeana, em CABA e nos departamentos da RMBA, com um diferencial que alcança aproximadamente 10%.

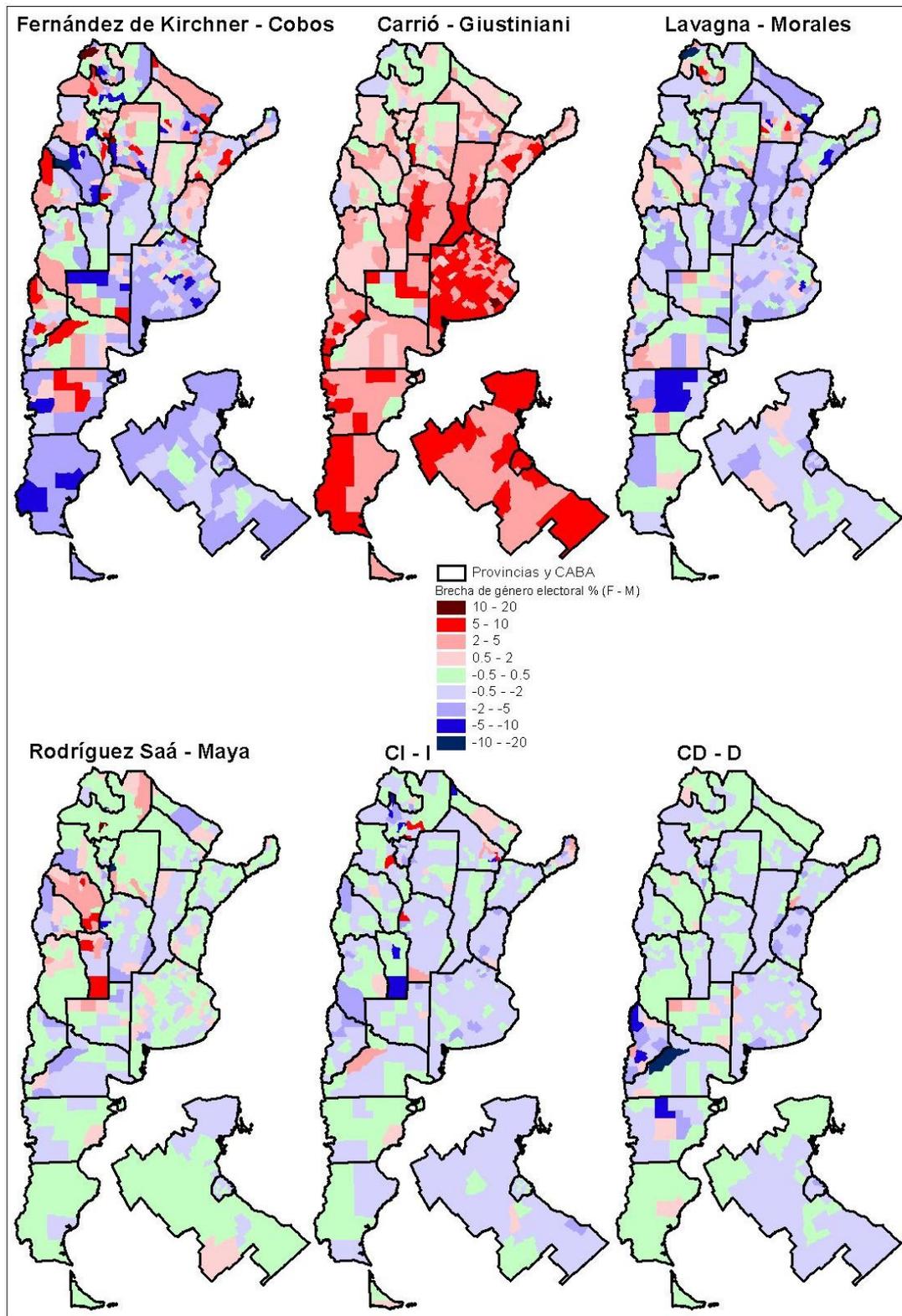
Finalmente, é importante destacar que a implantação da BGCE para cada uma das variáveis eleitorais analisadas não permite determinar se elas apresentam um padrão *clusterizado* regionalmente que seja estatisticamente significativo. Para tanto, na sequência, serão avaliados os padrões da disparidade de gênero no voto por meio de índices de autocorrelação espacial local.

Processos de regionalização da disparidade entre gêneros no voto

Para identificar quais são as áreas específicas em que o viés feminino ou masculino da disparidade de gênero de cada uma das variáveis analisadas se regionaliza, foi realizada uma estimativa utilizando o índice de autocorrelação espacial local – *LISA* (OYANA, 2021). Nesse sentido, os clusters estimados serão representados cartograficamente.

Analisando os padrões de regionalização para as duas principais chapas presidenciais em 1999 (Figura 8), observa-se que, em geral, apresentam uma implantação periférica em relação às áreas em que se agrupam espacialmente no país. Enquanto a Aliança apresenta uma estrutura espacial de viés feminino na Patagônia e masculino no norte do país, no caso do peronismo ocorre o inverso.

Figura 7 - Implantação geográfica da disparidade de gênero da eleição presidencial de 2007



Fonte: Elaboração própria com base nos dados do Ministerio del Interior.

Na Ciudad Autónoma de Buenos Aires (CABA), há uma certa regionalização com um claro viés masculino no voto peronista, enquanto no caso da Aliança, o viés é feminino, projetando-se para os municípios adjacentes ao sul e ao norte de CABA.

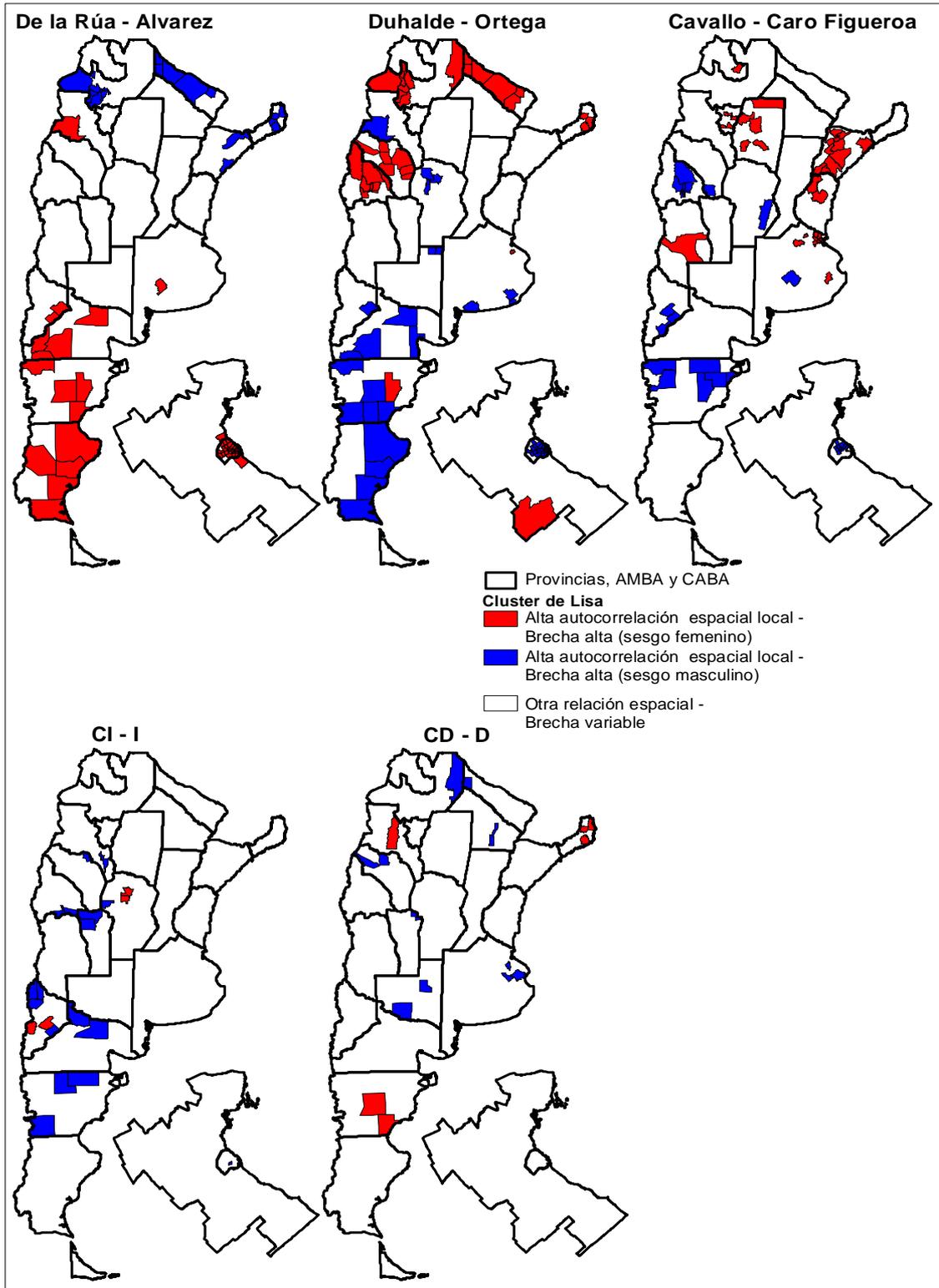
Por outro lado, a chapa liderada por Domingo Cavallo também apresenta uma estrutura espacial, com viés masculino no voto em CABA e um viés feminino no nordeste do país. No restante da Argentina, seu padrão é heterogêneo. Simultaneamente, entre as forças de esquerda e direita, não há evidências de padrões de regionalização significativos, prevalecendo, portanto, cenários subnacionais de natureza estocástica.

Ao considerar os padrões de regionalização das disparidades de gênero no comportamento eleitoral para o ano de 2003 (Figura 9)⁶, inicialmente analisam-se as chapas presidenciais de inclinação peronista: Carlos Menem, Néstor Kirchner e Alberto Rodríguez Saá. As três candidaturas apresentam certos marcos de regionalização em seus votos, os quais estariam vinculados a processos políticos territoriais subnacionais, já que são coincidentes com áreas governadas em nível provincial e/ou municipal.

Enquanto Carlos Menem apresenta um padrão regionalizado com viés feminino no norte do país e um viés masculino *clusterizado* em Santiago del Estero, Kirchner tem, nessa província, um claro viés feminino (o governador dessa província o apoiou nessa eleição). Por outro lado, Néstor Kirchner apresenta uma regionalização de viés masculino em seu voto no sul de Santa Fé e em CABA. No caso de Adolfo Rodríguez Saá, observa-se um padrão de regionalização com viés feminino no voto na área de Cuyo, seu reduto eleitoral, enquanto há evidências de um viés mais masculino em alguns municípios do segundo e terceiro anéis do AMBA.

⁶ Não estão representadas as implantações geográficas dos clusters de BGCE das variáveis CI-I e CD-D, a fim de otimizar o espaço disponível na figura e devido ao escasso apoio eleitoral de ambas as variantes eleitorais.

Figura 8 - Heterogeneidade espacial da disparidade de gênero na eleição presidencial de 1999



Fonte: Elaboração própria com base nos dados do Ministerio del Interior.

No que se refere à regionalização do viés masculino, há indícios de um padrão territorial, coincidindo com as províncias de Santa Cruz e La Rioja. Além disso, observa-se um certo padrão geográfico no sul da província de Buenos Aires e no centro-leste da província de La Pampa.

No caso das chapas de origem radical, como as de Leopoldo Moreau, Ricardo López Murphy e Elisa Carrió, também haveria certos padrões geográficos e territoriais. Nesse sentido, o voto em Moreau apresenta uma certa estrutura espacial com viés feminino no Chaco, província que, na época, era governada pelo radicalismo. No caso de Ricardo López Murphy, observa-se certa *clusterização* espacial em departamentos de Santa Fé, Corrientes e Entre Ríos.

Por sua vez, a chapa de Elisa Carrió apresenta uma regionalização em seu voto, com um viés feminino evidente, sendo a única opção eleitoral com esse tipo de padrão regionalizado na zona núcleo da Argentina. Destacam-se a RMBA e a região Pampeana, principalmente as províncias de Santa Fé e Buenos Aires.

Nas eleições de 2007 (Figura 10), exceto pelo caso de Carrió, nenhuma outra opção eleitoral apresenta uma regionalização do viés feminino na Área Metropolitana de Buenos Aires (AMBA). A chapa liderada por Carrió também exhibe esse mesmo padrão no sul e no norte da província de Buenos Aires, além do sul de Santa Fé. Em grande medida, apresenta um padrão de regionalização estável, semelhante ao de 2003.

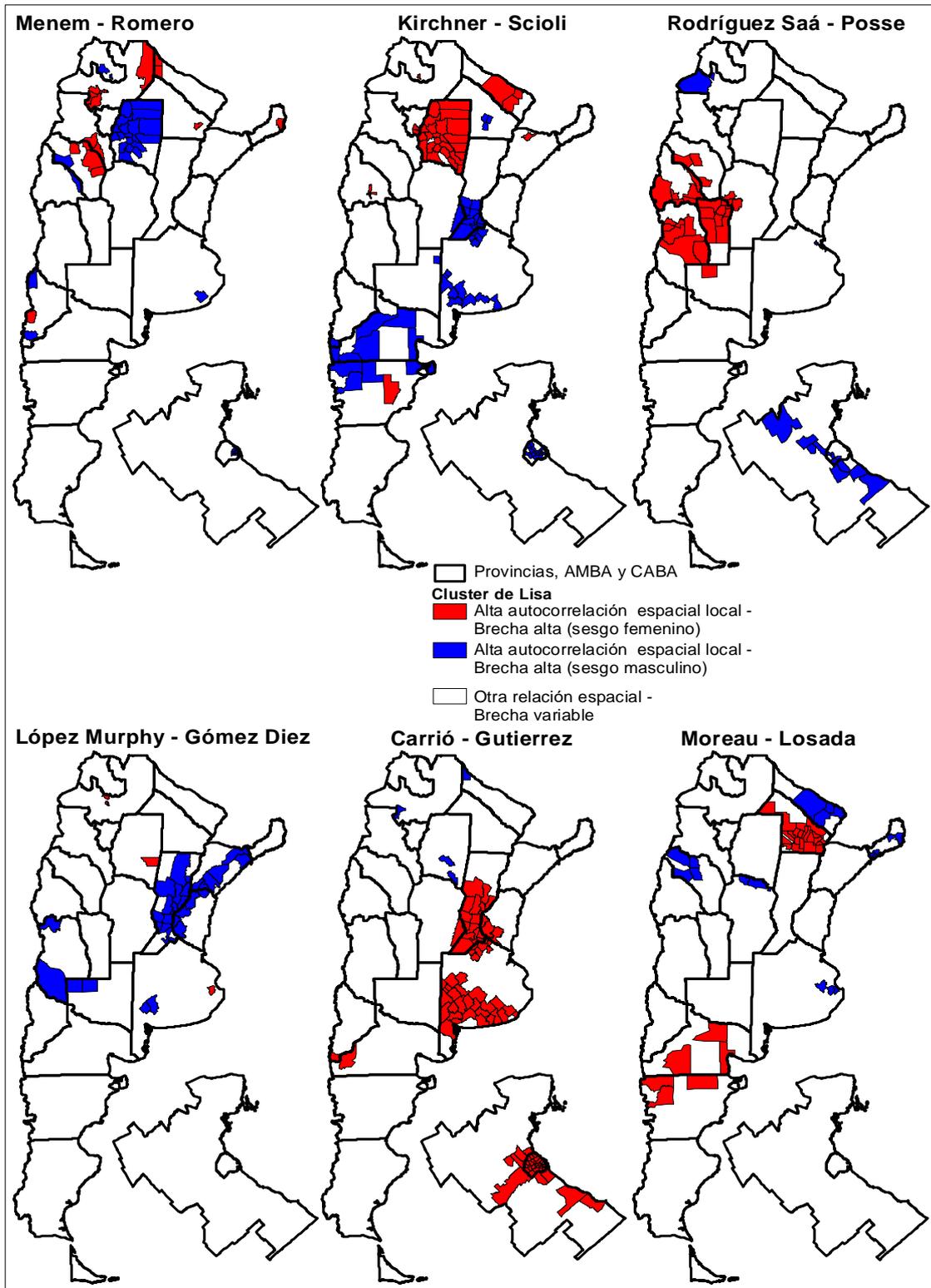
A regionalização de viés feminino do voto na chapa Fernández de Kirchner – Cobos é pouco compacta e, em geral, ocorre em áreas com baixa densidade de eleitores. Destacam-se o norte de Chubut e Neuquén, na Patagônia, e o extremo norte do país.

Por outro lado, o viés feminino de Lavagna aparece de forma mais descontínua, notadamente em algumas áreas do sudeste de Chaco e no sul de La Rioja. Além disso, em relação à regionalização de viés masculino, ela se manifesta de maneira isolada no centro da província de Chubut, no centro de Formosa e, de maneira mais destacada do ponto de vista populacional, no centro da província de Santa Fé.

Simultaneamente, o voto de Alberto Rodríguez Saá apresenta um padrão *clusterizado*, com viés feminino na região de Cuyo, enquanto as opções de esquerda e direita carecem de padrões significativos, por estarem atomizadas e/ou localizadas em áreas pouco povoadas.

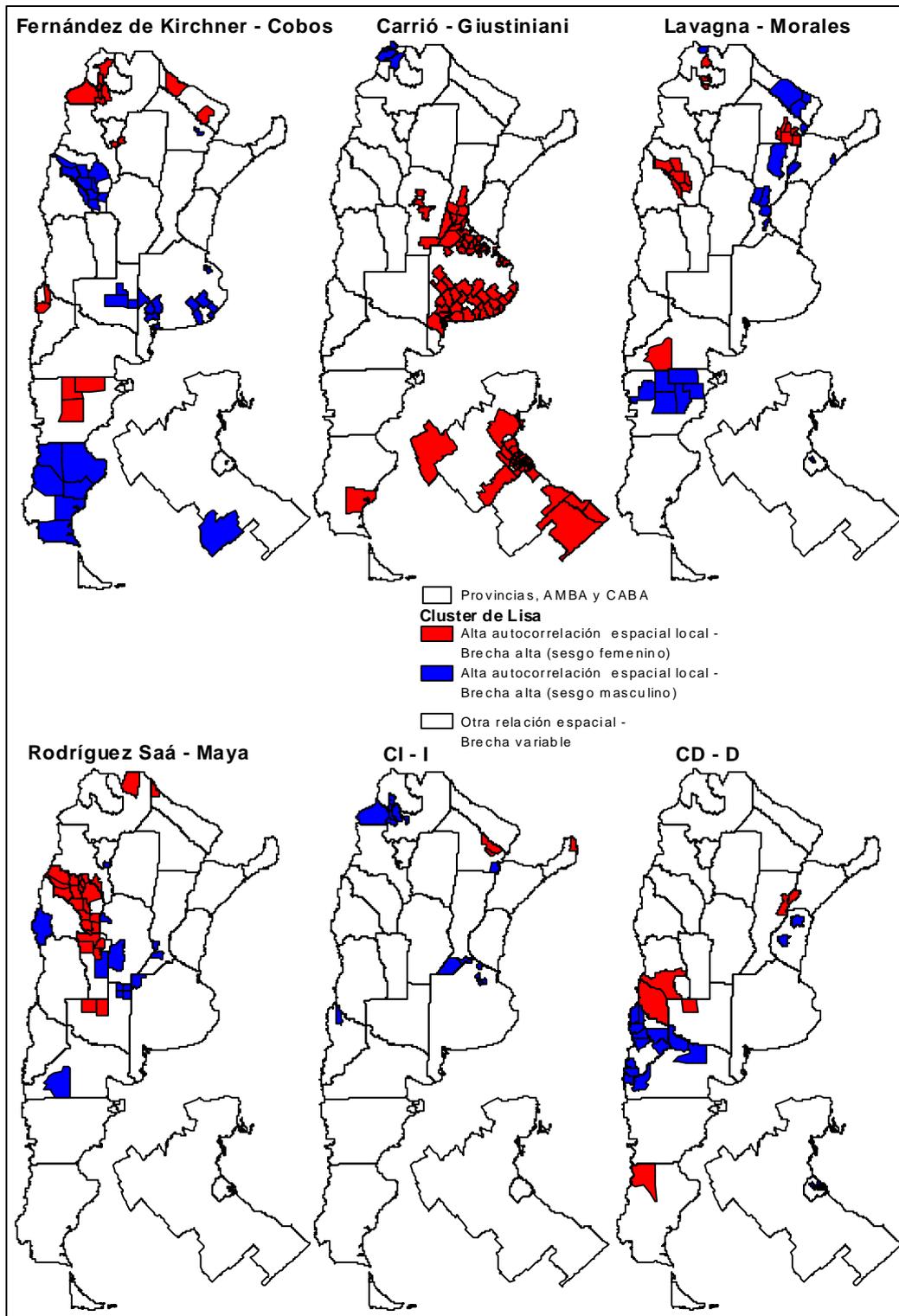
Por fim, é essencial considerar o peso eleitoral que os diferentes *clusters* de regionalização da BGCE têm em relação ao total do país e analisar detalhadamente o comportamento do eleitorado nesses *clusters*. Para isso, considera-se a *clusterização* com viés feminino, comparando apenas as chapas eleitorais que evidenciaram os maiores diferenciais positivos e negativos na diferença de gênero (Quadro 5).

Figura 9 - Heterogeneidade espacial da disparidade de gênero na eleição presidencial de 2003



Fuente: Elaboración propia con base en datos del Ministerio del Interior

Figura 10 - Heterogeneidade espacial da disparidade de gênero na eleição presidencial de 2007



Fonte: Elaboração própria com base nos dados do Ministerio del Interior.

Quadro 5 - Peso dos *clusters* de brecha de gênero para as eleições de 1999, 2003 e 2007.

Año	Clusters	Votos positivos respecto total del país (%)	Fórmulas	Votos (F)	% (F)	Votos (M)	% (M)	Diferencia % (F-M)
1999	Femenino De la Rúa	13,36	DE LA RÚA - ÁLVAREZ	748.174	57,08	618.383	51,83	5,25
			DUHALDE - ORTEGA	297.903	22,73	317.663	26,63	-3,90
	Femenino Duhalde	1,93	DE LA RÚA - ÁLVAREZ	73.527	40,86	77.047	42,42	-1,56
			DUHALDE - ORTEGA	93.530	51,97	89.384	49,21	2,76
2003	Femenino Carrió	34,54	MENEM - ROMERO	628.907	18,11	642.638	20,26	-2,15
			CARRIÓ - GUTIERREZ	801.733	23,08	522.355	16,47	6,62
	Femenino Menem	1,60	MENEM - ROMERO	67.393	44,42	68.320	43,91	0,51
			CARRIÓ - GUTIERREZ	12.562	8,28	8.692	5,59	2,69
2007	Femenino Carrió	33,15	FERNANDEZ DE KIRCHNER - COBOS	1.131.995	34,76	1.090.950	37,06	-2,31
			CARRIO - GIUSTINIANI	1.106.463	33,97	805.674	27,37	6,60
	Femenino Fernández de Kirchner	5,78	FERNANDEZ DE KIRCHNER - COBOS	358.756	63,09	317.711	61,88	1,21
			CARRIO - GIUSTINIANI	76.311	13,42	56.939	11,09	2,33

Fonte: Elaboração própria com base nos dados do Ministerio del Interior.

A modo de síntese, pode-se afirmar que os *clusters* regionalizados, com viés feminino do voto das candidaturas de origem peronista, têm um peso marginal considerando a soma dos votos positivos em relação ao total nacional. O valor mais alto ocorre no ano de 2007 e não chega a 6%.

Em relação às principais chapas de origem não peronista, o comportamento é mais heterogêneo: (i) o *cluster* feminino de De la Rúa em 1999 representa apenas 13% dos votos positivos do total do país, razão pela qual podemos afirmar que sua importância é diminuta, e nele, sua disparidade com viés feminino atinge 5%, duplicando seu alcance nacional de 2,29%; (ii) os *clusters* regionalizados do viés feminino do voto em Carrió nos anos de 2003 e 2007 têm um peso mais considerável, alcançando um terço do total de votos positivos do país; e em ambos os anos, a BGCE se aproxima de 7%, embora não haja um grande diferencial em relação ao seu padrão no total do país, próximo de 5%. Igualmente, dentro desses âmbitos regionalizados, considerando apenas as eleitoras, Elisa Carrió apresenta maior paridade competitiva em relação aos seus concorrentes.

Considerações finais

Neste trabalho, foi abordada uma das várias dimensões a serem consideradas nas análises do comportamento do eleitorado: a disparidade entre gêneros no voto. Considerando o comportamento eleitoral segundo gênero nas eleições presidenciais de 1999, 2003 e 2007, pode-se afirmar que as disparidades nesses anos, para as diversas candidaturas, são pouco reveladoras, ao menos comparando com os Estados Unidos da América. Ou seja, em termos globais na Argentina, as diferenças no comportamento dos eleitorados feminino e masculino não são quantitativamente relevantes.

No entanto, apesar dessa limitação, existem certos traços singulares na Argentina. Nesse sentido, o viés feminino do voto é captado por variantes políticas moderadas, que apresentam perfil ideológico com valores republicanos. Por exemplo, os padrões de voto pela Aliança, liderada por De la Rúa em 1999, e principalmente, a candidatura de Elisa Carrió nos anos de 2003 e 2007, mostram um viés feminino, especialmente a última, que atinge um diferencial de 5%. Quanto ao viés masculino, ele se distribui entre as outras variantes da oferta política, ou seja, as facções peronistas, a centro-direita, a direita, a centro-esquerda e a esquerda.

Contrariamente, quando se analisam os padrões de voto no nível subnacional na Argentina, os padrões diferenciais de voto entre ambos os eleitorados exibem dinâmicas contrastantes em relação aos padrões gerais. Por um lado, Elisa Carrió apresenta um viés feminino em quase todo o país, sendo mais forte na região pampeana e na Região Metropolitana de Buenos Aires, onde essa disparidade é maior do que sua média nacional. Por outro lado, as chapas de origem peronista apresentam uma configuração mais masculina do voto, exceto em algumas regiões, ou províncias, em geral menos populosas, onde as facções políticas locais apoiam suas candidaturas.

Conjuntamente, as descobertas alcançadas demonstram a inexistência de um padrão espacial uniforme, muito menos aleatório. De acordo com a análise das variáveis eleitorais segundo o gênero, utilizando índices de autocorrelação espacial local, pode-se afirmar que a BGCE apresenta um padrão não estacionário em algumas candidaturas. Ou seja, há evidência de padrões regionalizados, onde a disparidade de gênero responde a efeitos contextuais de tipo geográfico.

Nesse sentido, a regionalização do viés feminino da disparidade de gênero do voto, favorável à candidatura de Elisa Carrió, tende a se concentrar na zona núcleo da Argentina, ou seja, na área pampeana, em CABA e em parte da Grande Buenos Aires, nas eleições presidenciais de 2003 e 2007. Além disso, demonstra uma distribuição de voto heterogênea espacialmente, coincidindo com a configuração territorializada da competição política na Argentina: a área central do país, onde há equidade competitiva entre as forças políticas.

Por outro lado, as variantes de origem peronista costumam apresentar um viés feminino de seu voto, de forma clusterizada, no norte do país, que em parte se corresponde com outra dimensão do processo de territorialização política na Argentina: há coincidência com a área norte do país, onde a competição política nacional está hegemonizada pelas facções territoriais do peronismo. No entanto, os clusters são menos compactos, apresentam variações ao longo do tempo e se correspondem com partes do país com menor peso demográfico.

Também é importante esclarecer que a regionalização do viés masculino do voto não apresenta um padrão repetitivo para nenhuma variante da oferta eleitoral. Além disso, os extremos do espectro ideológico, a esquerda e a direita, carecem de padrões regionalizados da BGCE, ou seja, apresentam um comportamento estocástico nos apoios que recebem de seus eleitores femininos e masculinos.

Portanto, após avaliar a importância dos clusters de regionalização da brecha de gênero, com o propósito de identificar cenários em contextos subnacionais que sejam disruptivos em relação à dinâmica política nacional, o resultado é limitado, já que, em geral, as regionalizações representam uma fração mínima em relação ao total do eleitorado. No entanto, no caso do marco regional de Carrió, onde sua brecha mostra um viés feminino mais significativo, representa um terço do eleitorado, seu diferencial médio é da ordem de 7% e, além disso, apresenta uma maior equidade competitiva em relação às candidaturas vitoriosas.

A modo de conclusão, pode-se fazer uma consideração metodológica sobre a importância de incorporar à análise dos processos políticos, eleitorais e geográficos o uso de ferramentas estatísticas locais, entre as quais se encontram os índices de autocorrelação espacial local. Nesse sentido, sua utilização nos permite dar conta de processos espacialmente não estacionários em nossas variáveis, ou seja, capturar sua heterogeneidade espacial, identificando o local específico onde ocorrem diferentes tipos de padrões que respondem a efeitos contextuais de tipo geográficos, incluindo a brecha de gênero do voto.

Referências

- AZEVEDO, D. A. (2023) The need for electoral geography: the possibilities in the field. *GEOUSP Espaço e Tempo* v. 27, n.2, e-204649.
- AGNEW, J. (1987). *Place and Politics. The geographical mediations of State and Society*. Londres: Unwing Hyman.
- AGNEW, J. (1996). Mapping politics: how context counts in electoral geography. *Political Geography*, v. 15, n. 2, p. 129-146.
- ARCHENTI, N.; TULA, M.I. (eds). (2014). *La representación imperfecta. Logros y desafíos de las mujeres políticas*. Buenos Aires: Eudeba.
- ARCHENTI, N.; TULA, M.I. (2017). Critical challenges of quotas and parity in Latin America. In *Women, politics and democracy in Latin America*. In: DOŠEK, T.; FREIDENBERG, F.; CAMINOTTI, M.; MUÑOZ-POGOSSIAN, B. (Eds.) *Women, politics and democracy in Latin America*. New York: Palgrave Macmillan.
- BROWN, M.; KNOPP, L.; MORRILL, R. (2005). The culture wars and urban electoral politics: sexuality, race, and class in Tacoma, Washington. *Political Geography*, v. 24, i. 3, p. 267-291.
- CALVO, E.; ESCOLAR, M. (2005). La nueva política de partidos en la Argentina. Crisis política, realineamientos partidarios y reforma electoral. Buenos Aires: Prometeo.
- CARROLL, S. (1988). Women's Autonomy and the Gender Gap: 1980 and 1982. In: MUELLER, C. (Ed.). *The Politics of the Gender Gap: The Social Political Influence*. Beverly Hills: Sage, p. 236-257.
- CAVAROZZI, M.; CASULLO, E. (2002). Los partidos políticos en América Latina hoy: ¿consolidación o crisis?. In: CAVAROZZI, M.; ABAL MEDINA, J. (Eds.). *El Asedio a la política. Los partidos latinoamericanos en la era neoliberal*. Rosario: Homo Sápiens Ediciones, p. 9-30.
- CHANEY, C.; ALVAREZ, R.; NAGLER, J. (1998). Explaining the Gender Gap in U.S. Presidential Elections, 1980-1992. *Political Research Quarterly*, v. 51, n. 2, p. 311-339.
- CHILDS, S.; COWLEY, P. (2011). The politics of local presence: Is there a case for descriptive representation? *Political Studies*, v.59, n.1, p.1-19.
- CONOVER, P. (1988). Feminists and the Gender Gap. *The Journal of Politics*, v. 50, n. 4, p. 985-1010.
- COOK, E.; WILCOX, C. (1991). Feminism and the Gender Gap – A Second Look. *The Journal of Politics*, v. 53, n. 4, p. 1111-1122.
- CRUZ, F. (2019). *Socios pero no tanto. Partidos y coaliciones en Argentina 2003-2015*. Buenos Aires: EUDEBA.
- DEITCH, C. (1988). Sex Differences in Support for Government Spending. In: MUELLER, C. (Ed.). *The Politics of the Gender Gap: The Social Political Influence*. Beverly Hills: Sage, p. 192-216.
- ERICKSON, L.; O'NEILL, B. (2002). The Gender Gap and the Changing Woman Voter in Canada. *International Political Science Review*, v. 23, n. 4, p. 373-392.
- ESCOLAR, M. (2014). Nacionalización, comunidad cívica y coordinación electoral. Problemas para la integración del sistema político en Estados democráticos Multinivel. In: ESCOLAR, M.; ABAL MEDINA, J. (Eds.). *Modus Vivendi. Política multinivel y estado federal en Argentina*. Buenos Aires: Prometeo, p. 29-76.
- ETHINGTON, P.; MCDANIEL, J. (2007). Political places and institutional spaces: the intersection of Political Spaces and Political Geography. *Annual Revision of Political Science*, n.10, p.127-142.
- FORTHERINGHAM, A.; LI, Z. (2023). Measuring the Unmeasurable: Models of Geographical Context. *Annals of the American Association of Geographers*, v. 113, n. 10, p. 2269-2286.
- FREIDENBERG, F.; GILAS, K.; GARRIDO DE SIERRA, S.; SAAVEDRA HERRERA, C. (2022). *Women in Mexican Subnational Legislatures. From Descriptive to Substantive Representation*. Switzerland: Springer Nature.
- GILENS, M. (1988). Gender and Support for Reagan: A Comprehensive Model of Presidential Approval. *American Journal of Political Science*, v. 32, n. 1, p. 19-49.
- GAO, J. (2022). *Fundamentals of Spatial Analysis and Modelling*. Boca Ratón: Taylor & Francis Group.
- GIRAUDY, A.; MONCADA, E.; SNYDER, R. (2019). *Inside countries: subnational research in comparative politics*. Cambridge: Cambridge University Press.

- HELDEROP, E.; GRUBESIC, T. (2022). Cluster identification. In: REY, S.; FRANKLIN, R. (Eds.). *Handbook of Spatial Analysis in the Social Sciences*. Cheltenham: Edward Elgar Publishing, p. 245-261.
- INGLEHART, R.; NORRIS, P. (2003). *Rising Tide: Gender Equality & Cultural Change around the World*. New York: Cambridge University Press.
- INGLEHART, R.; NORRIS, P. (2000). The Developmental Theory of the Gender Gap: Women's and Men's Voting Behavior in Global Perspective. *International Political Science Review*, v. 21, n. 4, p. 441-463.
- KAUFMANN, K.; PETROCIK, J. (1999). The Changing Politics of American Men: Understanding the Sources of the Gender Gap. *American Journal of Political Science*, v. 43, n. 3, p. 864-887.
- KELLEY, J.; MCALLISTER, I. (1983). The Electoral Consequences of Gender in Australia. *British Journal of Political Science*, v. 13, n. 3, p. 365-377.
- KLEIN, E. (1984). *Gender Politics*. Massachusetts: Harvard University Press.
- KWAN, M. (2012). The Uncertain Geographic Context Problem. *Annals of the American Association of Geographers*, v. 102, n. 5, p. 958-968.
- LODOLA, G.; SELIGSON, M. (2013). *Cultura política de la democracia en Argentina y en las Américas, 2012: Hacia la igualdad de oportunidades*. Buenos Aires: Vanderbilt University-Universidad Torcuato Di Tella-CIPPEC.
- MANZA, J.; BROOKS, C. (1998). The Gender Gap in U.S. Presidential Elections: When? Why? Implications?. *American Journal of Political Science*, v. 103, n. 5, p. 1235-1266.
- OYANA, T. (2021). *Spatial Analysis with R. Statistics, Visualization, and Computational Methods*. Boca Raton: Taylor & Francis Group, LLC.
- RUDDICK, S. (1989). *Maternal Thinking*. Boston: Beacon Press.
- RUSCIANO, F. (1992). Rethinking the Gender Gap: The Case of West German Elections, 1949-1987. *British Journal of Political Science*, v. 27, n. 4, p. 497-523.
- SAPIRO, V. (1983). *The Political Integration of Women*. Urbana: University of Illinois Press.
- SAPIRO, V.; CONOVER, P. (1997). The Variable Gender Basis of Electoral Politics: Gender and Context in the 1992 US Election. *British Journal of Political Science*, v. 27, n. 4, p. 497-523.
- SCARAMELLA, C. (2023, 1 de diciembre). Configuraciones regionales y territoriales de las elecciones presidenciales de Argentina en 2023. In: IX CONGRESO DE GEOGRAFÍA DE UNIVERSIDADES PÚBLICAS, 2023, Ciudad Autónoma de Buenos Aires, Argentina. Ponencia.
- SCARAMELLA, C. (2013a, 23 de octubre). La brecha de género electoral en Entre Ríos: su significancia e implantación territorial entre 1999 y 2007. In: IV CONGRESO DE GEOGRAFÍA DE UNIVERSIDADES PÚBLICAS Y XI JORNADAS CUYANAS DE GEOGRAFÍA, 2013, Mendoza, Argentina. Ponencia.
- SCARAMELLA, C. (2013b, 18 de octubre). Comportamiento electoral y gender gap: su incidencia y estructura espacial en Argentina (1999-2007). In: XI CONGRESO NACIONAL DE CIENCIA POLÍTICA DE LA SOCIEDAD ARGENTINA DE ANÁLISIS POLÍTICO (SAAP), 2013, Paraná, Argentina. Ponencia.
- SHAPIRO, R.; MAHAJAN, H. (1986). Gender Differences in Policy Preferences: A Summary of Trends From the 1960s to the 1980s. *The Public Opinion Quarterly*, v. 50, n. 1, p. 42-61.
- SCHWINDT-BAYER, L. (Ed.). (2018). *An introduction to gender and representation in Latin America*. In *Gender and representation in Latin America*. Oxford: Oxford Scholarship.
- SNYDER, R. (2001). Scaling Down: The Subnational Comparative Method. *Studies in Comparative International Development*, v. 36, n. 1, p. 93-110.
- VARETTO, C. (2017). *Las múltiples vidas del sistema de partidos en Argentina*. Villa María: EDUVIM.
- YAGAMATA, Y.; SEYA, H. (2020). *Using Big Data. Methods and Urban Applications*. London: Elsevier.

Tradução: Daniel Azevedo e Juliana Nunes Rodrigues
Revisão Técnica: Marco Nepomuceno